

Duquesne University

## Duquesne Scholarship Collection

---

Antologia Espiritana

Anthologie Spiritaine

---

5-1-2010

### 19. A LIGAÇÃO À COMUNIDADE É PRIORITÁRIA, Ao P. Collin

Christian de Mare CSSp

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese>



Part of the [Catholic Studies Commons](#)

---

#### Repository Citation

de Mare, C. (2010). 19. A LIGAÇÃO À COMUNIDADE É PRIORITÁRIA, Ao P. Collin. Retrieved from <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese/75>

This III is brought to you for free and open access by the Anthologie Spiritaine at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Antologia Espiritana by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.

## 19. A LIGAÇÃO À COMUNIDADE É PRIORITÁRIA

Ao P. Collin

*Na véspera do dia em que foi escrita esta carta<sup>212</sup>, a 20 de Setembro de 1951, houve em Nossa Senhora do Gard o último de uma série de conselhos em que foram examinados os meios para reforçar a prática da Regra e a vida em comum, a união das diferentes comunidades com a Casa Mãe. Então, não é de admirar que encontremos aqui as mesmas insistências que na carta ao P. Laval<sup>213</sup>, alguns meses antes: observância da Regra (regularidade) e vivência de uma vida de comunidade autêntica.*

Nossa Senhora do Gard, 21 de Setembro de 1851

Caríssimo confrade,

Antes de responder às suas cartas de 16 de Julho, vou dizer-lhe uma palavra sobre o que aqui nos preocupa. Ontem 20, tivemos o nosso último conselho. Todo o dia nos preocupámos com o estado geral da Congregação e com os meios a adotar para a consolidar e para sobretudo a manter no espírito de Deus e bem disciplinada. Estamos na altura ideal para tomar medidas urgentes para o bem da Congregação. Um pouco mais cedo teria sido demasiado cedo, um pouco mais tarde provavelmente teria sido demasiado tarde. Temos que nos precaver contra um perigo iminente, que é inerente a todo o trabalho missionário. Este perigo consiste em que cada comunidade, cada missionário, ao tomar a peito, com todo o ardor do zelo que Deus lhe dá, a obra de que está incumbido, a isso sacrifique a Regra, a submissão às ordens dos superiores e o espírito de comunidade. Daí resultaria que ao fim dalguns anos a Congregação estaria completamente desarticulada e Deus sabe em que daria a santa obra que se dignou confiar-nos, e para a qual nos exigiu e continua a exigir diariamente tantos sacrifícios.

O missionário, o superior e o chefe de missão, cada um em sua esfera, vê apenas aquilo de que é encarregado, o bem que tem diante de si e lança-se para o campo de batalha, com todo o ardor de seu zelo, deixa-se absorver inteiramente pela sua tarefa, não se lembra que é membro dum corpo que deve caminhar junto, e facilmente deixa enfraquecer os laços com que Deus

<sup>212</sup> ND XIII, pg. 293-297.

<sup>213</sup> ND XIII, pg. 55-57.

*Antologia Espiritana*

o ligou a esse corpo. Daí resulta que quanto mais missionários mais homens isolados; e o que até então se tinha ganho acaba, com o tempo, por perder-se, vezes sem conta. Vêem-se almas a salvar, trabalho a realizar, mas a vida de comunidade, por parecer um estorvo, põe-se de lado; vê-se que vivendo santamente, segundo o espírito de comunidade e a observância das Regras, não se poderá fazer tanto bem, nem salvar tantas almas como tendo liberdade de ação, e então corta-se com a vida de comunidade para satisfazer o ardor de seus desejos.

Daqui em diante, mais regularidade, mais espírito interior, mais relações de obediência com o seu superior sem que isso nos moleste, ao menos mais obediência perfeita, mais laços entre as comunidades e o Superior Geral e a Casa Mãe. Pensa-se estar a obedecer a um movimento de zelo e está é a seguir-se o entusiasmo fervoroso da natureza. Consolamo-nos da perda do espírito interior e da vida de comunidade com o bem feito às almas que nos esforçamos por salvar, mas não pensamos no mal que fazemos a nós mesmos e aos outros. Faz-se algum bem em ponto pequeno e faz-se o mal em larga escala, afrouxando os laços que mantêm unida a Congregação, destruindo toda a esperança da sua futura perseverança no fervor, privando-a do poderoso meio de ação que nos dá o caminhar juntos e uma disciplina forte. Um corpo desarticulado deixa de poder andar, vive só para sofrer. A Congregação reduzida a este estado pelo zelo imprudente de seus membros, para que serviria? Quantas almas se não iriam perder depois, devido a esta imprudência de agora! Assim, deixando-se levar pela efervescência dum zelo não guiado pelo espírito de Deus, o missionário expõe-se a perder mil almas a troco de uma que tenha salvo.

Por isso, temos que tratar muito a sério da questão vital da disciplina geral da Congregação. Temos que velar sobre esse ardor que vos devora em Bourbon, que destrói a vida de comunidade na Maurícia, que faz sentir os seus efeitos na Guiné. Resolvemos precaver-nos contra o egoísmo particular de cada missão, de cada comunidade, de cada missionário. Cada um se interessa só pela obra de que se ocupa sacrificando tudo a ela. Bem vistas as coisas, isso é egoísmo. Não estou a censurar-vos, por mais que pareça. O P. Francisco dir-lhe-á que sempre estive satisfeito com a comunidade de Bourbon. Sei que sempre fizeram tudo o que era possível no contexto da situação em que se encontram; mas quero acautelá-los, a si e aos seus confrades, contra a tendência natural do missionário e contra as circunstâncias futuras.

*Congregação do Espírito Santo*

Procure, por conseguinte, fazer tudo o que dependa de si para manter e acrescentar o bem que existe entre vós. Creio que a vossa situação atual é mais propícia à vida de comunidade do que antes. Já não têm de preocupar-se com o que poderá dizer a administração civil, nem com a oposição do clero. A única precaução a tomar é entenderem-se com o Sr. Bispo, que compreenderá perfeitamente que não podeis faltar às vossas Regras. Já a vossa situação em Rivière des Pluies e nos outros três postos missionários parece favorecê-la pouco. Não poderia você tomar medidas para que os missionários encarregados de Brûlé, do Bairro francês e do Chaudron, não fiquem ausentes da comunidade mais que duas noites por semana e, salvo raras exceções, estejais juntos o resto do tempo? Veja, examine isso na presença de Deus. Digo-lhe isto só para lhe chamar a atenção e levá-lo a ver o que se pode fazer. Dê-me a conhecer as suas ideias sobre a maneira de nos organizarmos que mais favoreça a vida de comunidade e melhor se conforme com as nossas Regras.

Com o Sr. Bispo é preciso estar um pouco atentos para não dar azo a que ele, sem disso se dar conta, se intrometa na organização e direção da comunidade. Em relação à Maurícia, acho melhor responder-lhe só depois de receber a sua segunda carta a informar-me de todo o resultado da sua visita. Por isso, escreverei aos nossos confrades da Maurícia quando tiver chegado o próximo navio. Não preciso de responder à questão que me pôs em relação à ilha Rodrigues; aprovo a resposta do P. Le Vasseur. Só que não se deveria ter mandado para lá o P. Thévaux, sem você ter dado ordem.

Vigie o ardor fervoroso do P. Francisco: 1º para que não se mate; 2º para que não ultrapasse as Regras e a obediência. Aprovo o que você prudentemente lhe determinou quanto ao jejum: só pode jejuar na medida em que a sua saúde não corra perigo. Ainda não recebi a carta dele.

Todo seu em Jesus e Maria!

**F. Libermann, Sup.**

*Antologia Espiritana*

---



*Libermann ocupou este escritório do superior geral da Congregação do Espírito Santo em Novembro de 1848. Muitas cartas e documentos foram aqui redigidos até Novembro de 1851.*